Este livro é para o John e a Quintana.

I.

A vida muda rapidamente.
A vida muda num instante.
Sentas-te para jantar e a vida, como a conheces, termina.
A questão da autocomiseração.

Estas foram as primeiras palavras que escrevi depois do que aconteceu. No computador, a data do documento do Microsoft Word («Notas sobre a mudança.doc») diz «20 de maio, 2004, 23h11», mas devo tê-lo aberto e gravado distraidamente, antes de o fechar. Não tinha feito alterações naquele documento em maio. Não tinha feito alterações naquele documento desde que escrevera as palavras, em maio de 2004, um dia ou dois ou três depois do sucedido.

Durante muito tempo, não escrevi mais nada.

A vida muda num instante.

Um instante normal.

Em algum momento, com vista a poder lembrar-me daquilo que parecia mais assinalável sobre o que se passara, considerei acrescentar aquelas palavras: «um instante normal». Vi de imediato que não havia necessidade de acrescentar a palavra «normal», porque jamais o esqueceria: a palavra nunca abandonou a minha mente. De facto, era a natureza normal de tudo o que precedera o acontecimento que me impediu de acreditar que aquilo sucedera verdadeiramente, e de o absorver, incorporar, ultrapassar. Reconheço agora que não havia nada de normal: confrontados com um desastre súbito, todos nos focamos em quão banais eram as circunstâncias durante

as quais aconteceu o impensável, o céu claro e azul do qual caiu o avião, uma viagem rotineira que acabou na berma da estrada, com o carro em chamas, os baloiços onde as crianças brincavam, como sempre, quando a cascavel atacou por entre as ervas. «Ele estava a regressar a casa, do trabalho — feliz, bem-sucedido, saudável — e depois, deixou de estar», li eu, no depoimento de uma enfermeira de Psiquiatria, cujo marido morreu num acidente na autoestrada. Em 1966, entrevistei muitas pessoas que viviam em Honolulu na manhã de 7 de dezembro de 1941; sem exceção, estas pessoas começaram o seu relato sobre o bombardeamento de Pearl Harbor, dizendo-me como aquela fora «uma manhã normal de domingo». «Era um dia normal e bonito de setembro», ainda dizem as pessoas quando lhes pedem para descrever a manhã, em Nova Iorque, quando os voos n.º 11 da American Airlines e o n.º 175 da United Airlines foram desviados contra as torres do World Trade Center. Até o relatório da Comissão 9/11 começava com a nota narrativa insistentemente premonitória e, ainda assim, surpreendente: «Essa terça-feira, 11 de setembro de 2001, nasceu amena e quase sem nuvens no céu do Leste dos Estados Unidos.»

«E depois, deixou de estar.» *No meio da vida estamos na morte*, dizem os fiéis da Igreja Episcopal junto a uma campa. Mais tarde, percebi que devo ter repetido os pormenores do que se passou a todos o que vieram a nossa casa nessas primeiras semanas, todos os amigos e familiares que trouxeram comida e puseram os pratos na mesa da sala para as pessoas que lá estavam, ao almoço ou ao jantar, todos o que levantaram os pratos e congelaram os restos de comida e ligaram a máquina de lavar loiça e que encheram a nossa casa (não conseguia ainda dizer «minha»), que caso contrário estaria vazia, depois de eu ir para o meu quarto (o nosso quarto, no qual ainda se encontra, sobre o sofá, um roupão desbotado, tamanho XL, comprado nos anos 1970, na loja Richard Carroll, em Beverly Hills) e fechar a porta. Esses momentos, em que eu era abruptamente tomada pela exaustão, são o que me lembro com mais clareza em relação aos primeiros dias e semanas. Não tenho memória de ter contado os detalhes a alguém, mas devo tê-lo feito, porque parece que toda a gente os conhece. Num certo momento, considerei a possibilidade de que tivessem sabido dos pormenores da história por outra pessoa,

mas de imediato rejeitei isso: a história que tinham era, em todas as ocasiões, demasiado exata para ter sido passada de mão em mão. Só podia ter vindo de mim. Outra razão pela qual sabia que a história viera de mim, era que nenhuma outra versão que ouvi incluía os detalhes que eu ainda não conseguia enfrentar, por exemplo, o sangue na sala de estar, que ficou ali até que o José viesse, na manhã seguinte, e o limpasse.

O José. Que era parte da casa. Que deveria voar para Las Vegas, mais tarde, nesse mesmo dia, 31 de dezembro, mas que não chegou a ir. O José estava a chorar nessa manhã enquanto limpava o sangue. Quando lhe disse o que acontecera, ele não percebeu. Claramente, eu não era a contadora ideal daquela história, algo na minha versão era, simultaneamente, demasiado brusco e demasiado elíptico, alguma coisa no meu tom fora incapaz de comunicar o facto principal daquela situação (encontraria a mesma falha mais tarde, quando tive de contar à Quintana), mas quando o José viu o sangue, percebeu.

Tinha apanhado as seringas descartadas e os elétrodos dos eletrocardiogramas antes de ele chegar nessa manhã, mas não fui capaz de enfrentar o sangue.

Em linhas gerais.

É agora que começo a escrever isto, na tarde de 4 de outubro de 2004.

Nove meses e cinco dias antes, aproximadamente às nove horas da noite de 30 de dezembro de 2003, à mesa onde tínhamos acabado de sentar-nos para jantar, na sala do nosso apartamento em Nova Iorque, o meu marido, John Gregory Dunne, pareceu estar a sofrer (ou sofreu mesmo) um enfarte agudo do miocárdio, que lhe causou a morte. A nossa filha única, a Quintana, estava inconsciente há cinco noites nos Cuidados Intensivos, na ala Singer, do Beth Israel Medical Center, que na altura era um hospital na avenida East End (fechou em agosto de 2004), mais comummente conhecido como «Beth Israel North» ou o velho «Hospital dos Médicos»; aquilo que parecera um caso bastante grave de gripe, em dezembro, e que a levara para as Urgências na manhã de Natal, explodira numa pneumonia e num choque séptico. Esta é a minha tentativa de

perceber o que se seguiu. Semanas, e depois meses, que me afastaram de qualquer ideia fixa que eu já tivera sobre a morte, sobre a doença, sobre probabilidades e sorte, sobre a má e a boa fortuna, sobre o casamento e os filhos e a memória, sobre a dor, sobre a maneira como as pessoas lidam ou não lidam com o facto de que a vida acaba, sobre como é frágil a sanidade, sobre a vida em si. Fui escritora a vida inteira. Enquanto escritora, até como filha, muito antes de publicarem aquilo que eu escrevia, desenvolvi a perceção de que o significado do que queria dizer residia no ritmo das palavras, das frases e dos parágrafos, um técnica que servia para reter aquilo que eu achava, ou acreditava, atrás de um verniz cada vez mais impenetrável. A forma como escrevo é aquilo que sou, ou em que me tornei; no entanto, este é um caso no qual desejaria ter, em vez das palavras e do seu ritmo, uma sala de edição de imagem, equipada com Avid, um sistema de edição digital, no qual eu premiria uma tecla e faria colapsar a sequência do tempo, mostrando assim, simultaneamente, todos os fotogramas da memória que me chegam neste momento, e deixar que o leitor escolhesse as sequências, as expressões ligeiramente distintas, as leituras variáveis das diferentes frases. Este é um caso em que preciso de mais do que de palavras para encontrar um significado. Este é um caso em que preciso que aquilo que penso e sinto seja penetrável, pelo menos para mim.

2.

Terça-feira, 30 de dezembro de 2003. Tínhamos visitado a Quintana nos Cuidados Intensivos, no 6.º andar do Beth Israel North.

Tínhamos voltado para casa.

Tínhamos falado em jantar fora ou comer em casa.

Eu disse que ia acender a lareira, podíamos comer em casa.

Acendi a lareira, comecei a fazer o jantar, perguntei ao John se ele queria uma bebida.

Preparei-lhe um *whisky* e entreguei-lho na sala de estar, onde ele lia na cadeira, perto do lume, onde se sentava habitualmente.

O livro que estava a ler era do David Fromkin, as provas do manuscrito de *Europe's Last Summer: Who Started the Great War in 1914?*

Acabei de fazer o jantar, sentei-me à mesa da sala onde, quando estávamos sozinhos, podíamos comer com vista para a lareira. Dou por mim a insistir no lume, porque as lareiras eram importantes para nós. Cresci na Califórnia, o John e eu tínhamos vivido ali 24 anos. Na Califórnia, aquecíamos a casa com a lareira. Acendíamos o lume até nas noites de verão, com a chegada do nevoeiro. O lume significava que estávamos em casa, que tínhamos completado o círculo, que estávamos seguros durante a noite. Acendi velas. O John

pediu uma segunda bebida antes de se sentar à mesa. Dei-lhe a bebida. Sentámo-nos. Concentrei-me em mexer a salada.

O John falava, depois parou de falar.

Num determinado momento, nos segundos ou no minuto antes de parar de falar, ele perguntou-me se lhe tinha servido um *whisky* escocês *single-malt* na segunda bebida. Disse-lhe que não, que servira o *whisky* da primeira bebida. «Ótimo», disse ele. «Não sei porquê, mas acho que não devia misturá-los.» Num outro momento, nesses segundos ou minuto, ele estivera a falar sobre como a Primeira Guerra Mundial fora o evento determinante para a forma como fluira todo o resto do século XX.

Não faço ideia de que assunto falávamos — do *whisky* ou da Primeira Guerra —, no instante em que ele parou de falar.

Só me lembro de levantar os olhos. A sua mão esquerda estava erguida e ele estava tombado, sem se mexer. No início, pensei que estivesse a tentar uma piada falhada, uma tentativa de fazer com que as dificuldades daquele dia fossem suportáveis.

Lembro-me de dizer: *Não faças isso*.

Quando não respondeu, o meu primeiro pensamento foi que ele começara a comer e se engasgara. Lembro-me de o afastar das costas da cadeira para fazer a manobra de Heimlich. Lembro-me de sentir o seu peso quando ele caiu para a frente, primeiro contra a mesa, depois no chão. Na cozinha, perto do telefone, tinha colado um cartão com o número das ambulâncias do hospital New York-Presbyterian. Não tinha colado o cartão perto do telefone por antecipar um momento como aquele. Tinha colado o cartão perto do telefone para o caso de alguém no edifício precisar de uma ambulância.

Outro alguém.

Liguei para o número. O técnico perguntou se ele respirava. Eu disse: *Venham já*. Quando os paramédicos chegaram, tentei explicar-lhes o que acontecera, mas antes de conseguir terminar, eles tinham transformado numa zona de emergências a parte da sala onde o John se encontrava. Um deles (eram três, talvez quatro, mesmo uma hora depois não saberia dizer quantos) estava a falar com o hospital sobre o eletrocardiograma que, ao que parecia, já estavam a transmitir. Outro estava a abrir o pacote da primeira ou segunda

de muitas seringas. (Epinefrina? Lidocaína? Procainamida? Estes nomes vieram-me à cabeça, mas eu não sabia de onde). Lembro-me de dizer que talvez ele pudesse estar engasgado. Isso foi rejeitado com um gesto de dedos: a via respiratória estava desimpedida. Parecia que, depois, estavam a usar o desfibrilador, uma tentativa de restabelecer o ritmo cardíaco. Conseguiriam algo que se parecia com um batimento de coração normal (eu pensei que sim, tínhamos estado todos em silêncio, houve um salto acentuado na linha), depois desapareceu, e eles começaram de novo.

«Ele ainda está em fribilação», lembro-me de ouvir dizer ao que estava ao telefone.

«Fibrilação ventricular», disse o cardiologista do John, na manhã seguinte, quando ligou do Nantucket. «Eles devem ter dito "fibrilação ventricular". Ventricular.»

Talvez tenham dito «fibrilação ventricular» e talvez não tenham dito nada. A fibrilação auricular não causaria necessariamente, e de forma imediata, uma paragem cardíaca. Mas a ventricular, sim. Talvez tenham dito «fibrilação ventricular».

Lembro-me de tentar organizar na minha mente o que aconteceria a seguir. Uma vez que os paramédicos da ambulância estavam na sala, o passo seguinte, e lógico, seria irmos para o hospital. Ocorreu-me que eles poderiam decidir subitamente ir para o hospital e que eu não estava preparada. Não teria à mão aquilo que precisaria de levar. Perderia tempo, ficaria para trás. Encontrei a minha carteira e as chaves e um resumo do historial médico do John, feito pelo seu médico. Quando voltei para a sala de estar, os paramédicos estavam a olhar para o monitor do computador que tinham instalado no chão. Não conseguia ver o monitor, por isso observei a cara deles. Lembro-me de um deles olhar para os outros. Quando decidiram sair dali, aconteceu tudo muito depressa, segui-os até ao elevador e perguntei se podia ir com eles. Disseram que primeiro levariam a maca, eu poderia ir na segunda ambulância. Um deles esperou comigo que chegasse o elevador. Quando chegou o momento de irmos os dois na segunda ambulância, a ambulância com a maca estava a afastar-se do edifício. A distância do nosso edifício até à parte do New York-Presbyterian que era dantes o New York Hospital, é de seis quarteirões. Não tenho memória de ouvir as sirenes. Quando chegámos

à entrada das Urgências, a maca já desaparecia no interior do edifício. Um homem esperava na entrada. Todas as pessoas lá dentro estavam vestidas com batas médicas. Esse homem tinha roupas normais. «Esta é a mulher dele?», perguntou ao condutor. Depois, virou-se para mim. «Sou da assistência social», disse ele, e acho que foi então que fiquei a saber.

«Abri a porta e vi o homem com a farda verde, e soube. Soube imediatamente.» Foi isto que disse a mãe de um soldado de 19 anos, morto por uma bomba, em Kirkuk, num documentário da HBO e citado por Bob Herbert no *The New York Times*, na manhã do dia 12 de novembro de 2004. «Mas pensei que, se não o deixasse falar, ele não poderia dar-me a notícia. E depois... Nada daquilo teria acontecido. Por isso ele continuava a dizer: "Minha senhora, preciso que me deixe entrar." E eu continuava a dizer-lhe: "Desculpe, mas não pode entrar."»

Quando li isto, ao pequeno-almoço, quase onze meses depois da noite da ambulância e do assistente social, reconheci aquele pensamento como sendo meu também.

Nas Urgências, podia ver a maca a ser empurrada para um cubículo, empurrada por mais pessoas com batas médicas. Alguém disse para eu esperar na zona da receção. Foi o que fiz. Havia uma fila para tratar dos documentos de admissão. Esperar na fila pareceu-me a coisa mais construtiva que poderia fazer. Esperar na fila significava que ainda havia tempo para lidar com aquilo, tinha na minha carteira cópias dos cartões do seguro. Aquele não era um hospital onde eu já tivesse estado — o New York Hospital era o edifício Cornell, do New York-Presbyterian, o edifício que eu conhecia era o Columbia, do Columbia-Presbyterian, na 168.ª rua com a Broadway, que ficava a 20 minutos dali, na melhor das hipóteses, demasiado longe para aquele tipo de emergência —, mas eu podia fazer com que aquele hospital desconhecido funcionasse, podia ser útil, podia tratar da transferência para o Columbia-Presbyterian, uma vez que o John estivesse estabilizado. Estava concentrada nos detalhes desta transferência iminente para o Columbia (ele precisaria, em algum momento, de uma cama com telemetria e, também em algum momento,

poderia pedir a transferência da Quintana para o Columbia; na noite que ela deu entrada no Beth Israel North, eu escrevera num cartão os números de vários médicos do Columbia, um deles poderia fazer com que aquilo acontecesse), quando o assistente social reapareceu e me levou da fila dos documentos de admissão para uma sala vazia, na zona da receção. «Pode esperar aqui», disse ele. Esperei. A sala estava fria, ou era eu que o estava. Pensei quanto tempo passara entre o momento em que chamara a ambulância e a chegada dos paramédicos. Parecia não ter passado tempo algum (*um cisco no olho de Deus* foi a frase que me ocorreu na sala da zona da receção), mas devem ter sido vários minutos, no mínimo.

No quadro de apontamentos, no meu escritório, por motivos relacionados com o enredo de um filme, eu costumava ter um cartão cor-de-rosa no qual datilografei uma frase do *The Merck Manual* sobre quanto tempo o cérebro consegue ficar privado de oxigénio. A imagem do cartão cor-de-rosa voltava a aparecer-me na sala da zona da receção: «Anóxia dos tecidos por > 4 a 6 min. pode resultar em danos irreversíveis no cérebro, ou morte.» Estava a dizer a mim própria que deveria ter recordado mal a frase, quando o assistente social voltou a aparecer. Consigo vinha um homem, que ele apresentou como «o médico do seu marido». Houve silêncio. «Ele está morto, não está?», ouvi-me a dizer ao médico. O médico olhou para o assistente social. «Pode falar», disse o assistente. «Ela está calma.» Levaram-me para um cubículo com uma cortina, onde estava o John, deitado, sozinho. Perguntaram se eu queria um padre. Disse que sim. Um padre apareceu e disse algumas palavras. Agradeci-lhe. Deram-me o clipe de prata onde o John tinha a carta de condução e os cartões de crédito. Deram-me o dinheiro que estivera no bolso dele. Deram-me o seu relógio. Deram-me o seu telemóvel. Deram-me um saco de plástico onde, disseram, eu iria encontrar as suas roupas. Agradeci-lhes. O assistente social perguntou se havia algo que pudesse fazer por mim. Disse-lhe que podia levar-me até a um táxi. Foi o que ele fez. Agradeci-lhe. «Tem dinheiro para a viagem?», perguntou ele. Disse que tinha, a *mulher que estava calma*. Quando entrei no apartamento e vi o casaco do John e o cachecol, ainda sobre a cadeira, onde ele os deixara quando chegámos após a visita à Quintana, no Beth Israel North (o cachecol vermelho de cachemira,

o casaco *Patagonia*, que era da equipa do filme *Íntimo e Pessoal*), pensei no que seria permitido a uma mulher que não estivesse calma. Desabar? Pedir calmantes? Gritar?

Lembro-me de pensar que tinha de conversar com o John sobre aquilo.

Não havia nada sobre o qual eu não conversasse com o John.

Porque éramos escritores, ambos trabalhávamos em casa e os nossos dias estavam cheios com o som das nossas vozes.

Eu nem sempre achava que ele estava certo, nem ele achava que eu estava sempre certa, mas cada um de nós era a pessoa em que o outro confiava. Não havia, em qualquer situação, uma separação entre os nossos investimentos ou interesses. Tendo em conta que, por vezes, era um que recebia uma boa crítica ou o melhor adiantamento de honorários, e por vezes era o outro, muitas pessoas assumiam que nós deveríamos ser, de alguma maneira, «concorrentes», que a nossa vida privada deveria ser um campo minado de invejas profissionais e ressentimentos. Isto estava tão longe da verdade que a insistência geral nessa ideia sugeria uma certa lacuna no entendimento popular do que é um casamento.

Isso era mais uma coisa sobre a qual conversávamos.

O que me lembro do apartamento, na noite em que regressei do New York Hospital, é do seu silêncio.

No saco plástico que me tinham dado no hospital havia um par de calças de bombazina, uma camisa de lã, um cinto, e acho que nada mais. As pernas das calças de bombazina tinham sido rasgadas, suponho que pelos paramédicos. Havia sangue na camisa. O cinto estava enrolado. Lembro-me de colocar o seu telemóvel a carregar, sobre a sua secretária. Lembro-me de colocar o clipe de prata na caixa, no quarto, onde guardávamos os passaportes e certidões de nascimento e a comprovação do nosso serviço como jurados em tribunal: uma carta de condução do estado de Nova Iorque, cujo prazo de validade era 25 de maio de 2004; um cartão multibanco do Chase; um cartão American Express; um cartão MasterCard da Wells Fargo; um cartão do Museu Metropolitan; um cartão da associação Writers

Guild of America West (era a época antes da votação da Academia de Cinema, na qual podíamos usar o cartão para vermos filmes de graça, ele devia ter ido ver um filme, não me lembro); um cartão da Medicare; um cartão do metro; e um cartão emitido pela Medtronic com a legenda «Tenho um *pacemaker Kappa 900 SR*», o número de série do aparelho, e o número para ligar ao médico que o colocara, e a anotação «Data do implante: 03 jun 2003». Lembro-me de juntar o dinheiro que estivera no seu bolso com o dinheiro na minha carteira — notas suaves —, com especial cuidado para juntar as notas de vinte com as de vinte, as notas de dez com as de dez, as notas de cinco com as de cinco. Lembro-me de pensar, ao fazer aquilo, que assim ele veria que eu estava a conseguir lidar com as coisas.

Quando o vi no cubículo com a cortina, nas Urgências, do New York Hospital, um dos seus dentes da frente estava lascado, supus que da queda, porque também tinha hematomas na cara. Quando identifiquei o corpo no dia seguinte, na funerária Frank E. Campbell, os hematomas não eram visíveis. Ocorreu-me que disfarçar os hematomas era aquilo a que o agente funerário se referira quando eu lhe disse que não queria embalsamamento e ele respondeu «nesse caso, vamos apenas limpá-lo». A parte com o agente funerário mantém-se distante. Tinha chegado à funerária Frank E. Campbell tão determinada a evitar qualquer resposta inapropriada (lágrimas, raiva, gargalhadas desesperadas no silêncio) que desligara todas as respostas. Quando a minha mãe morreu, o agente funerário que foi buscar o corpo deixou em seu lugar, sobre a cama, uma rosa artificial. O meu irmão tinha-me contado isso, profundamente ofendido. Eu estava preparada contra as rosas artificiais. Lembro-me de tomar uma decisão rápida quanto ao caixão. Lembro-me de que no escritório onde assinei os papéis havia um grande relógio de pêndulo, que estava parado. O Tony Dunne, o sobrinho do John, que estava comigo, mencionou que o relógio estava parado. O agente funerário, como se satisfeito por nos elucidar sobre aquela peça decorativa, explicou que o relógio estava parado havia alguns anos, mas permanecia ali como «uma espécie de homenagem» a uma prévia encarnação da funerária. Parecia que estava a usar o relógio para demonstrar

uma lição. Concentrei-me na Quintana. Conseguia bloquear aquilo que o agente funerário estava a dizer, mas não conseguia bloquear as frases que ouvia quando pensava na Quintana: *Full fathom five thy father lies / Those are pearls that were his eyes*[1].

Oito meses mais tarde, perguntei ao gestor do nosso edifício se ele ainda tinha o registo do porteiro da noite de 30 de dezembro. Eu sabia que havia um registo, porque durante três anos fui administradora do condomínio do prédio, e o registo de entradas e saídas era um procedimento próprio do edifício. No dia seguinte, o gerente mandou a página do dia 30 de dezembro. De acordo com o registo, os porteiros da noite eram o Michael Flynn e o Vasile Ionescu. Não me lembrava disso. O Vasile Ionescu e o John tinham uma rotina que parecia diverti-los no elevador, um pequeno jogo, entre um exilado da Roménia de Ceausescu e um católico irlandês de West Hartford, Connecticut, que se baseava num apreço comum pela brincadeira com os assuntos da política. «Então, onde está o bin Laden?», dizia o Vasile, quando o John entrava no elevador, e o objetivo era arranjar sugestões cada vez mais improváveis: «Será que o bin Laden está na *penthouse*?», «Na arrecadação?», «No ginásio?» Quando vi o nome do Vasile no registo, ocorreu-me que não conseguia lembrar-me se ele iniciara esse jogo quando voltávamos do Beth Israel North, no princípio da noite de 30 de dezembro. O registo dessa noite só tinha duas referências, menos do que o habitual, mesmo para uma época do ano em que a maioria das pessoas no edifício viajava para destinos mais amenos:

NOTA: Paramédicos chegaram às 21h30 para vir buscar o Sr. Dunne. O Sr. Dunne foi levado para o hospital às 22h05.

NOTA: Lâmpada fundida no elevador de passageiros A-B.

[1] «Teu pai está enterrado debaixo de cinco braças de água / Essas são as pérolas que eram os seus olhos.» *(NT)*